



Missões Silenciosas Gen Vernon A. Walters CORRIGINDO UM EQUÍVOCO

Elber de Mello Henriques
Membro dos IGHMB e IHGB

Com muita razão e oportunidade o Coronel R-1 ELBER DE MELLO HENRIQUES, Sócio Efetivo do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil presta o seu depoimento sobre afirmações contidas no livro MISSÕES SILENCIOSAS, de VERNON A. WALTERS, acerca de nossa Esquadrilha de Ligação e Observação nos Campos da Itália.

A verdade histórica deve transpirar sempre para os presentes e para as gerações futuras, como um princípio basilar da convivência humana.

Há pouco tempo resolvi ler o livro "Missões Silenciosas" do General Walters, antigo oficial de ligação entre o V Exército americano e a Força Expedicionária Brasileira na campanha italiana.

A leitura decorria agradavelmente. Era quase a autobiografia de um homem invariavelmente feliz e que, graças à facilidade em aprender idiomas e sua inegável inteligência, tivera a oportunidade de alcançar os maiores postos da hierarquia militar e, posteriormente, da diplomática. Convivera com personalidades marcantes do mun-

do inteiro e fora o eficiente acompanhante, como tradutor, de vários Presidentes americanos.

Eis que, de súbito, tive um sobressalto: Walters descrevia erroneamente acontecimentos da FEB de que eu participara diretamente, e que só podiam ser frutos de um lamentável equívoco de sua parte. Ele contava, em minúcias, episódios que jamais aconteceram, e o fazia com riqueza de pormenores.

Telefonei para meus companheiros Observadores Aéreos e todos ficaram estupefatos. Tínhamos recebido uma acusação

de irresponsabilidade de um grande amigo (estamos certos disso). Era inaceitável e inexplicável.

Tomei, então, a decisão de publicar esta retificação para que ficasse registrado o erro e restabelecida a verdade dos fatos.

Disse o General Walters (pág. 124):

“Durante algum tempo, após sua instalação na área de Porreta, os brasileiros não dispuseram de uma pista onde os aviões de Ligação e Observação da Artilharia da FEB pudessem pousar. O General Mascarenhas não costumava usar o avião dele, que ficava à minha disposição.” “Evitando o inconveniente de rodar cerca de 15 quilômetros, os brasileiros resolveram construir uma pista pequena, perto de uma curva do rio Reno, no outro lado de Porreta. Além da pista foi levantado também um abrigo de terra⁽¹⁾, para proteger o avião do general.” “Durante um certo prazo os alemães não hostilizaram, nem a pista nem o avião. Os brasileiros, então, aumentaram as instalações, construindo mais seis abrigos de terra⁽¹⁾. Decorreram mais alguns dias sem que nada acontecesse, embora o local fosse claramente visível para o inimigo⁽¹⁾, instalado nas alturas que circundavam o vale.”

“Certo dia recebi um telefonema avisando que estavam

caindo granadas nas proximidades da pista. Saltei no meu jeep e me dirigi para lá, no outro lado do rio. Ao atingi-lo comecei o bombardeio. Sentei-me na margem e esperei, desanimado, praguejando cada vez que os alemães destruíam um por um os aviões em seus abrigos⁽¹⁾, uma verdadeira catástrofe para nós, que perdemos toda a frota fornecida à Divisão Brasileira.”

“Na tarde desse dia, o General Mascarenhas mandou que eu fosse até o quartel-general do V Exército pedir a substituição dos aviões destruídos.”

Resumindo, disse Walters que explicou ao major Chefe da Seção Aérea do V Exército que a Divisão Brasileira perdera alguns de seus aviões e necessitava de substituí-los.

– “Quantos aviões vocês perderam?”

– “Sete – repliquei.”

– “Ele me olhou espantado e exclamou:”

– “Meu Deus, quer dizer que foram todos?”

– “Foram.”

– “Como é que se podem perder sete aviões de uma só vez?”

Quem esteve na Itália, na linha de frente e, principalmente, os integrantes do QG da AD e os oficiais do Exército e da Aeronáutica que compunham a Esquadilha de Ligação e Observação da Artilharia, percebe a

(1) O grifo é do autor.

seqüência de equívocos do General Walters. Mas os que não pertenceram à AD da FEB, os que não estiveram na guerra (como é o caso do tradutor do livro), e as gerações futuras, pensarão que tais afirmativas são verdadeiras. Para evitar isso vamos rever os fatos.

Disse o autor do livro.

1) "A dez de dezembro de 1944"... "certa noite de dezembro"... "a seguir chegou a primeira nevada"⁽¹⁾.

Não há dúvida, portanto, que os fatos contados aconteceram ou teriam acontecido no inverno de 1944. Como a primeira nevada que a FEB suportou foi no mês de dezembro, as datas coincidem. Nessa época, porém, a Esquadrilha de Observação brasileira estava no campo de Suviana, bem longe das margens do rio Reno e fora do alcance da Artilharia alemã. Somente a 18 de março de 1945, isto é, três meses após⁽¹⁾ os acontecimentos imaginados pelo autor, é que a ELO se deslocou para o campo onde houve (se houve), o bombardeio destruidor.

Pergunto: Como poderia a ELO brasileira ter sido atacada se lá não se encontrava?

2) Jamais o avião do General Walters, apesar de pertencer à Divisão de Infantaria Expedicionária, esteve estacionado e recebeu manutenção no campo da Esquadrilha brasileira. Pro-

vavelmente, sendo Walters americano, preferia que a manutenção e guarda fosse feita por seus compatriotas.

3) Os dez oficiais Observadores Aéreos eram da Arma de Artilharia e sabiam como ninguém da precisão e eficiência da artilharia alemã. Nunca ocupariam um campo sujeito à observação terrestre do inimigo. Se isso tivesse acontecido o General Mascarenhas nos teria punido exemplarmente por irresponsabilidade. Caso de Conselho de Guerra.

4) Em nenhuma ocasião construímos abrigos de terra para proteger os aviões. Citando esse pormenor novamente o autor entrou no reino da fantasia... A proteção consistia na dispersão e não alinhamento das aeronaves.

5) A descrição do bombardeio, a destruição dos aviões, o diálogo com o Chefe da Seção Aérea do V Exército, a referência aos abrigos de terra etc., além de não traduzir a realidade dos fatos configura uma lamentável e, sob certos aspectos, fantasiosa confusão do autor.

Resumindo:

O fantástico acontecimento nunca existiu. A Esquadrilha de Ligação e Observação da Artilharia não perdeu um só avião por efeito da Artilharia inimiga. Suas três perdas foram: 2 em

(1) O grifo é do autor.

conseqüência do congelamento da gasolina no cone difusor do carburador, em virtude dos 25° abaixo de zero a uma altitude de 3.000m, e uma por pane de decolagem.



Cel R-1 ELBER DE MELLO HENRIQUES. Cursos – Colégio Militar do Ceará, Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Escola Superior de Guerra. Comissões Principais – Observador aéreo da Força Expedicionária Brasileira, tendo participado da luta, na linha de frente, do primeiro ao último dia da Campanha na Itália; Comandante da Bateria de Projetores do Forte de Copacabana; Comandante do Corpo de Alunos da Escola de Sargentos das Armas; Instrutor da Escola de Artilharia de Costa; Chefe de Gabinete do Estado-Maior das Forças Armadas; Representante do Ministério do Exército no IBGE; Comandante do 2º Grupo de Canhões 90 Antiáereo; Membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil; Vice-presidente do Conselho Nacional da Associação dos Ex-combatentes. Trabalhos Publicados – Além de inúmeros artigos e conferências, publicou o livro "A FEB 12 Anos Depois" (aprovado pelo Estado-Maior do Exército e publicado pela Biblioteca do Exército). Descobriu, preparou e apresentou a obra do Ten Cel Jorge Maia, "A invasão de Mato Grosso", editada pela Biblioteca do Exército.